



Os Fecury no São João sempre fazem uma festa bonita e animada como o Arraial da Lulu e da Beth

• PAGES. 2 e 3



As irmãs Lulu (Luciana Fecury Tavares) e Beth (Ana Elizabeth Fecury Braga) brilharam com o Arraial dos Fecury, na Península

As Fofinhas fizeram uma bela festa para celebrar o São João com muita alegria

• PAG 6

Divulgação/Herbert Alves



ELA foi primeira dama do Brasil durante cinco anos e teve um desempenho exemplar. Antes, foi primeira dama do Maranhão, onde até hoje é amada e admirada por todos. Dona Marly Sarney sempre se destacou pela postura sóbria, discreta e simpática, elogiada por todos os seus amigos e incontáveis admiradores. Hoje, com mais de 90 anos de idade, exibe o mesmo sorriso da juventude

• PAGES. 4 e 5

Se pudesse fechar uma conta de somar de todos os momentos lindos com que fui presenteado, eu correria ao globo terrestre mais próximo. Eu revisitaria a primeira vez que vi o mar, que inundou minha alma de imensidão. Seu sal se misturou ao das lágrimas de um menino cujos olhos eram naquele instante todo um oceano.

Eu retornaria às noites da minha pequena e eterna cidade de Presidente Dutra, onde duas mãos se uniam a cada segundo em que o luar se escondia nas nuvens.

Eu voltaria a Timmendorfer Strand, só para constatar de novo que as águas do Báltico são violeta.

Roma, eu caminhando na campina e transpondo a primavera, em busca do túmulo de Cecília Metela, por quem penou de amor Lord Byron.

O restaurante em Fishermen's Wharf em que salmões chegavam à mesa com um cer-

CONTA DE SOMAR

e eu me sentindo puro, bom e simples como um pescador, sem projetos nem sonhos

to ar de abandono – e de súbito aquele sorriso engastado numa frase inesquecível.

E a Broadway às 11 horas da noite, na saída do teatro, e toda Nova York reunida ali e toda paz comendo um acalanto para o meu coração.

E aquele quarto de hotel em Londres, imenso como minha liberdade, porque parecia que sempre era domingo e sempre era feriado e alguém me esperava nos gramados do Hyde Park, em oferenda ao sol.

E as leves batidas na janela em Cortina

D'Ampezzo, no alto das montanhas, e eu me perguntando quem seria e de manhã abrindo as venezianas e percebendo que era apenas a neve e que o universo se vestira de uma segunda era glacial.

E a ladeira da Ilha de Rhodes, o guia contando histórias de 400 séculos antes e minha amiga me tomando a mão e me segurando: Vai uma cervejinha? Tem um bar ali na esquina.

E o Cassino de Nice, onde eu recuperei nas fichas a exata quantia que me haviam rou-

bado em Paris, que não era pequena, mais uns trocados que alguém surrupiou em Viena, pois Santo Antônio, padroeiro das coisas perdidas é, como se sabe, maior que tudo.

E o enorme transatlântico se aproximando da Ilha de Patmos, imersa numa luz mediterrânea pontilhada de casas brancas e da gruta onde se anunciou o Apocalipse.

E Paris na Place de la Contrescarpe e Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway comigo, e comigo uma senhorita de São Luís que acho que nunca ninguém tinha dito para ela como era linda, pelo menos do jeito que eu disse.

E aquele cais na Grécia, onde perdi a urgência de qualquer partida, e me senti puro e bom e simples como um pescador, sem projetos nem sonhos.

De todas essas coisas me adiciono.

E desta voz que me diz ao telefone, vinda do outro lado do planeta:

"Tenho medo de jamais te rever".

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Os acadêmicos fazem a foto do álbum oficial com os homenageados: Cassius Chai, Carlos Gaspar e José Cláudio Pavão Santana



Fernanda Franklin da Costa Ramos, Cassius Chai e Alessandro Rahbani Aragão Feijó



Mário Gaspar, Elizabeth Gaspar, Madalena Gaspar Silva, Carlos e Socorro Gaspar, Alice Rocha e Maria Regina Gaspar Mello

CELEBRAÇÃO DO 4º ANIVERSÁRIO DA AMCJSP

Para marcar essa data significativa, a Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Social e Política (AMCJSP) homenageou quatro eminentes pesquisadores: os Professores Doutores José Cláudio Pavão Santana, Cassius Guimarães Chai, Aldy Mello de Araujo e Carlos Thadeu Gaspar. Reconhecendo suas notáveis contribuições ao Direito e às Ciências Sociais, foram agraciados com o diploma de Reconhecimento e a Medalha do Mérito Acadêmico Gonçalves Dias, patrono da instituição.

A bonita saudação aos homenageados foi feita pela professora e acadêmica Maria da Glória Aquino.

Nessa tarde festiva, os convidados assistiram a uma palestra do historiador

Carlos Gaspar sobre a vida de Fran Paxeco, seguida de uma sessão de autógrafos de sua obra "O Senhor Fran Paxeco", para os presentes.

Os participantes dessa sessão festiva tiveram a oportunidade de apreciar, também, uma exposição sobre Fran Paxeco, organizada pela Casa de Cultura Josué Montello.

Fran Paxeco foi um dos fundadores da Faculdade de Direito no Maranhão, destacando-se como uma figura central no desenvolvimento acadêmico e cultural do Estado.

A cerimônia foi conduzida pelo presidente da AMCJSP, professor e advogado Sergio Tamer, que na abertura fez uma síntese da criação do sodalício que teve o decisivo

apoio e inspiração do saudoso professor João Batista Ericeira.

Sobre a importância de Fran Paxeco para o Maranhão, Tamer lembrou que Fran Paxeco desempenhou um papel fundamental na história educacional e cultural deste estado. Como um dos fundadores da nossa primeira Faculdade de Direito, ele não só ajudou a estabelecer uma das instituições acadêmicas mais importantes da região, como também promoveu o avanço das Ciências Jurídicas. Sua obra literária e acadêmica contribuiu significativamente para o enriquecimento do patrimônio intelectual maranhense. A dedicação de Paxeco ao ensino e à pesquisa deixou um legado duradouro que continua a influenciar e inspirar novas gerações de juristas e acadêmicos.



Roberto Albuquerque, Alessandro Rahbani, José Cláudio Pavão Santana, Sara Gama, Adroaldo Sousa, José Luis Gama



O acadêmico Alexandre Lago e seu confrade da AML, Carlos Gaspar



Guilherme Pavão Santana, Armando Gaspar Filho, Antonio Gaspar e José Cláudio Pavão Santana



Juiza Alice Rocha, Carlos Gaspar e a filha Socorro Gaspar



Madalena Gaspar Silva, Elizabeth Gaspar, Alice Rocha, Sara Gama, Socorro Gaspar e Silvânia Tamer



Silvânia e Sergio Tamer ladeiam Socorro e Carlos Gaspar



Socorro Gaspar, Silvânia Tamer e Elizabeth Gaspar



Alexandre Lago e Cristiane, Cassius Chai, Silvânia e Sérgio Tamer



Sergio Tamer, Cristiane Lago, Carlos Gaspar e Sara Gama



Carlos Gaspar e Vinicius Bogéa



Os professores José Cláudio Pavão Santana e Maria da Glória Gonçalves de Sousa Aquino



Nelson Moraes Rego e José Cláudio Pavão Santana



Alessandro Rahbani, José Cláudio Pavão Santana, Adroaldo Sousa e José Luis Gama

Noivas de agosto

Maio, que durante muito tempo foi soberano como o mês das noivas. Está perdendo força, atualmente, no ranking dos meses mais procurados para subir ao altar aqui no Brasil.

Apesar da tradição, o famoso “mês casamenteiro” perdeu o seu lugar para dezembro e janeiro – e agora também para agosto – mas continua no pódio e não tem nenhuma previsão para sair.

Para quem não sabe por que maio é considerado o mês das noivas, existem algumas teorias que tentam explicar essa fama. A primeira delas é a chegada da primavera nos países do Hemisfério Norte. A estação das flores e colheitas traz um cenário natural que tem tudo a ver com casamentos. Afinal, as flores são elementos importantes nas decorações tradicionais.

Outra crença é a grande influência do catolicismo na sociedade. Segundo a Igreja Católica, maio é o mês oficial de homenagens à Maria, mãe de Jesus Cristo. Como antigamente a ideia da maternidade era muito associada ao casamento, casar-se em maio era sinal de sorte.

A terceira teoria tem a ver com hábitos da Idade Média. As baixas temperaturas características do outono e inverno faziam com que os banhos fossem raros naquela época. Sendo assim, o primeiro banho do ano costumava acontecer apenas em maio. Noivos escolhiam o mês para que todos estivessem prontos e limpos para a festa!

Noivas de agosto...2

É provável que aqui nos trópicos agosto se aproxima mais da primavera, daí ser cada vez maior o número de noivos que estão preferindo a realização da cerimônia de casamento nesse mês, desbancando a tradição do mês de maio.

Entre os casais de jovens que optaram pelo mês de agosto, estão Hannah Rolim e Rogério Duailibe, que dirão o tradicional “Sim” na Catedral Metropolitana de São Luís, no dia 2 de agosto, às 19h.

Após a cerimônia, os noivos receberão os convidados para uma grande festa no salão de eventos do Blue Tree Towers, ao lado dos pais dela, Magnólia Rolim, Rodrigo Vilarinho e Roncalli Bendegó, e dos pais dele, desembargador Ricardo Bugarim Duailibe e Virgínia.

Livre?

Há boas utopias e aquelas que ficam bem apenas no campo dos sonhos.

Passe livre para estudante é uma delas.

Primeiro, por que só para estudantes? Por que não para professores, operários, barbeiros, manicures, enfim, toda a população dita carente?

Passe livre quer dizer 100% de subsídio, pois o empresário não vai ficar sem o seu pagamento.

Quer dizer: quem vai pagar é o mesmo pagador de impostos que sustenta a máquina estatal.

Verdade que em países de melhor índice de desenvolvimento humano (IDH) o Estado subsidia o transporte público em até 70%, como acontece na França, onde o usuário de metrô e ônibus paga apenas 30% do custo.

Arthur Azevedo

Num dia como neste domingo, 7 de julho de 1855, portanto há 169 anos, nascia em São Luís, o escritor Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, ou simplesmente Artur Azevedo, reconhecidamente uma das maiores expressões do teatro brasileiro de todos os tempos.

Conta-se mais de uma centena de comédias, operetas, dramas, revistas, paródias, burletas e monólogos de autoria dele, que também escreveu poesias e contos.

Arthur Azevedo foi fundador da Academia Brasileira de Letras e é patrono das Academias de Letras do Maranhão e de São Paulo.

O Maranhão o homenageou ao dar o seu nome à mais importante casa de espetáculos deste estado – o então Teatro de São Luís.

Encontro com o mar

Meu primeiro encontro com o mar me extasiou os olhos e me inundou a alma. Não importa há quanto tempo tenha sido: não existe idade para as grandes emoções. Como se fosse hoje e instantaneamente, senti que estava diante de uma imensidão sem reprise.

Devo esclarecer que era manhã e a praia estava deserta. Vi muitos mares depois, do Pacífico ao Mediterrâneo, do Tirreno ao Adriático, do Báltico ao Jônico. Nenhum me legou tão nítido sentido de poder e vastidão quanto as águas da praia do Olho d’Água, em São Luís.

De que era feita essa impressão?

Creio que das ondas se formando como suaves, ásperas cordilheiras, que se armavam e se desfaziavam entre céus e areias. Suponho que do aroma de sal da atmosfera, que me apresentava a uma nova dimensão do mundo, instigante e intraduzível. Penso que daquele horizonte infinito, que era o casamento das águas e do firmamento.

E havia ainda o fato de que a praia do Olho d’Água era algo de único e inimitável.

Conheci Tramandaí e Imbé; Cidreira e Xangri-lá; Atlântida e Torres. Conheci as praias da Espanha, as da França, as do Chile, as da Califórnia. Escalei meia dúzia de verões em Punta del Este. São todos lugares aprazíveis, alguns soberbos, outros surpreendentes, como Timmerdorfer Strand, onde as vagas são da cor violeta. Mas na praia do Olho d’Água era diverso.

Já nem estou falando agora do impacto de seu mar em minha infância. Me transponho para a adolescência.

O que é a felicidade? Uma das definições possíveis são aquelas areias brancas, onde você deixava a resaca do baile da noite anterior, ouvindo no radinho Spika o último sucesso do The Platters. Outra é a absoluta paz íntima, advinda da certeza de que você nada tinha de mais importante a fazer no universo do que não perder uma reunião dançante marcada para as cinco da tarde.

E outra ainda era perceber uma sombra pairando sobre seus devaneios e abrir os olhos e ver, recém-chegada e lindíssima, a garota que você iria amar para todo o sempre.



O ex-presidente José Sarney recebendo livros trazidos por Nuno Rebelo de Sousa, filho do presidente de Portugal

NUNO REBELO DE SOUSA VISITA SARNEY

O ex-presidente José Sarney recebeu na manhã de quarta-feira (03) em sua residência, no Calhau, a visita do empresário Nuno Rebelo de Sousa, da EDP - Energias de Portugal (empresa que atua em todos os segmentos do setor elétrico brasileiro), e filho do presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa.

Durante o encontro Nuno de Sousa, que estava acompanhado do advogado Francisco Rocha, falou do novo investimento que está trazendo para o Maranhão, uma linha de transmissão de 370 quilômetros no sul do Estado, que atravessa Tocantins, Maranhão, Piauí e Bahia.

Trata-se de um investimento de cerca de um bilhão de reais, que vai gerar cerca de 2 mil empregos. Estamos trazendo esse investimento e apresentando aqui ao Governo para que ele nos apoie. Foi uma oportunidade para rever o presidente do TJMA, desembargador Froz Sobrinho. Estamos muito felizes com esta nova vinda para o Maranhão, para ajudarmos o estado a crescer e a tornar-se cada vez mais conectado com Portugal”, finalizou.

Nuno Rebelo de Sousa é diretor de Comunicação e Stakeholders da EDP no Brasil, uma das pa-

trocinadoras da reconstrução do Museu da Língua Portuguesa, cujo projeto representou uma inovação da lusofonia e, por isto, a sua reconstrução foi apoiada pela empresa, que tem sede em Portugal.

O executivo da EDP que também é filho do Presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, mora no Brasil há 15 anos, tem uma filha nascida no país sul-americano e contou que, para si, a diversidade da língua está também presente na sua história familiar.

“Sou um português apaixonado pelo Brasil, sou a quarta geração da minha família no Brasil, os meus filhos são a quinta geração da família Rebelo de Sousa no Brasil e, portanto, temos pelo Brasil um carinho especial”, pontuou.

“Meus filhos portugueses moraram aqui comigo, visitamos em família o antigo Museu da Língua Portuguesa antes [do incêndio], salvo em 2015. Estivemos aqui todos em família, e foi uma aprendizagem muito gira”, acrescentou.

Falando sobre sua experiência pessoal como cidadão português que convive com falantes brasileiros da língua portuguesa, todos os dias, Nuno Rebelo de Sousa considera que, embora exist-

ta uma discussão – “os portugueses em Portugal acham que os brasileiros falam brasileiro, eles não dizem que falam aqui português, e os brasileiros acham que falam português” -, o museu demonstra a evidência de todos, na verdade, comunicarem “numa mesma língua.”

“Não há uma língua mãe. A língua mãe são várias línguas que vieram do latim e que se foram espalhando pelo mundo. Nós vamos ver que o português de hoje, seja o falado em Portugal, seja o falado no Brasil, é um conjunto de palavras que vieram do grego, do latim, do árabe, das línguas indígenas e do que se falava na África. Portanto, acho que é uma aprendizagem, uma educação para as crianças visitarem o museu”, concluiu o executivo da EDP Brasil.

Instalado na histórica Estação da Luz, o Museu da Língua Portuguesa foi reconstruído após o incêndio de dezembro de 2015.

Um dos primeiros museus totalmente dedicados a um idioma no mundo, o espaço promove um mergulho na história e na diversidade do idioma através de experiências interativas, conteúdo audiovisual e ambientes imersivos.



Nuno Rebelo de Sousa com o ex-presidente José Sarney, o advogado Francisco Rocha e Fernando Sarney



Nuno Rebelo de Sousa com Aparício Bandeira e Francisco Rocha

Paris dos Anos Vinte

Modestamente, acho que tenho uma das melhores bibliotecas de meu quarto sobre a Paris dos Anos 20 e a Geração Perdida.

Essa coleção vem de ser enriquecida agora com Casados com Paris, uma história romanceada dos breves anos de casamento entre Ernest Hemingway e Hadley Richardson, e cuja ação se passa nos “roaring, fabulous twenties”.

A autora é Paula McLain, que por 335 páginas toma a voz e a maneira de ser de Hadley, numa narrativa que empolga desde os primeiros capítulos. A história começa em Chicago, onde eles se conhecem, e evolui para aquela Paris que ninguém descreveu melhor do que Hemingway em A moveable feast – ou Paris é uma festa.

Paris dos Anos Vinte...2

Aqui devo confessar que nos anos 1980 segui o inteiro roteiro de Hemingway e Scott Fitzgerald por cada bar, café e restaurante que frequentaram numa cidade fascinante, que à época mantinha uma sedução essencial.

É ela que volta a cada parágrafo de Casados com Paris, em todo o seu esplendor.

Lugares como Le Dôme, La Rotonde, Le Select, La Closserie des Lilas, Les Deux Magots, La Nègre de Toulouse e inumeráveis outros retornam, vivos e pulsantes, ao longo de um inventário de lembranças em que estão presentes Gertrude Stein, Ezra Pound, John dos Passos, Ford Maddox Ford, Zelda e Scott Fitzgerald e mais uma constelação de astros que hoje fazem parte da literatura universal.

Paris dos Anos Vinte...3

Um filho não planejado, mas muito amado, Bumpy, e a perda de todos os originais de Hemingway num trem em que estava Hadley sozinha quase balançou um casamento perfeito. Mas eles se reconciliaram, embora não tivessem meios de superar um vendaval que soprou sobre suas vidas.

Pauline Pfeiffer, uma rica herdeira americana, seduziu Ernest em meio a um jogo de dissimulação e arrogância que acabou percebido por Hadley. Ela lutou com suas fracas forças para conservá-lo, mas toda tentativa resultou inútil. O inevitável sobreveio: a separação.

Biógrafos de Hemingway, como Carlos Baker e A. E. Hotchner, atestam que ele jamais esqueceu de Hadley.

Em maio de 1961 ele telefonou a ela e disse: “Amamos demais um ao outro”. Num sábado de julho do mesmo ano, tomou sua arma preferida e suicidou-se.

Foi o fim trágico de uma bela história de paixão.

Coração e fogo

Zelda Fitzgerald, autora do livro “Esta Valsa é Minha”, é uma das personagens mais interessantes do filme “Meia-Noite em Paris”, que revejo sempre que posso só para matar saudades da Cidade-Luz.

É famosa a frase de Zelda “chamem os bombeiros!”, que ela teria berrado, num hotel em Paris, para avisar que seu coração estava pegando fogo.

A favor do prazer

Apreendi com um funcionário humilde de uma agência de notícias a lição essencial: um belo jantar não pode ser reduzido a uma obrigação tediosa.

Foi na distante Paris dos anos 1980, uma cidade de sonho que não adivinhava os pesadelos do presente incerto de desemprego, moeda instável, restaurantes comuns, bares execráveis e turismo predatório.

Naqueles anos luminosos, Paris cultivava as lembranças de Hemingway, Fitzgerald e Gertrude Stein, que Woody Allen cristalizou em seu filme “Meia-Noite em Paris”.

Os rastros da “geração perdida” eram facilmente encontráveis em cada esquina.

Nessa atmosfera, o velho encarregado do telex da France Press, no bistrô da esquina da praça, me advertiu, apontando para o croque monsieur fumegante e para o cálice de Beaujolais, e aconselhou: “Desfrute da sua comida e do vinho. Com calma. Depois do calvados, tratamos do trabalho”.

Desde sempre “jantar de negócios”, em Paris, é algo próximo à pornografia: os transgressores buscam a clandestinidade. Primeiro, janta-se. E só depois, vem a crônica dos negócios, aspirações e deveres.

A mistura de deveres e prazeres é sempre indigesta – e às vezes ruína.

A favor do prazer...2

Prazer nada tem a ver com dever. O prazer da leitura, por exemplo. Não há compromisso, nem ansiedade, na companhia de um bom livro, no silêncio da noite ou na solidão de uma viagem.

Sempre combati com todas as forças o maldito “hábito da leitura”. Hábito, garante o Aulete, é um ato que se repete rotineiramente, como escovar os dentes, tomar banho, dormir ou comer em determinadas horas. A leitura não se inclui nesse rol de atos mecânicos, às vezes tediosos, que dispensam a atenção, a emoção e, sobretudo, o prazer.

Borges lembra que Montaigne considerava que o conceito de leitura obrigatória é um falso conceito: quando encontrava uma passagem difícil num livro, Montaigne deixava-o de lado, afirmando que “não faço nada sem alegria”.

Os momentos reservados à leitura têm mais a ver com as ilhas verdejantes da imaginação, de Lord Byron. Borges dizia que um autor como Joyce essencialmente fracassou, porque sua obra exige esforço do leitor: um livro não deve exigir esforço, a felicidade não deve exigir um esforço.

Brecht tinha uma exigência severa para avaliar seus próprios textos: nos olhos dos leitores e ouvintes deveria, necessariamente, “brilhar a esperança”.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Mauro de Alencar Fecury e Ana Lúcia com as filha Luciana (Lulu) e Ana Elizabeth (Beth)



O ex-presidente José Sarney com o Repórter PH Benedito Buzar e Joaquim Itapary

LINDA NOITE MARANHENSE OFERECIDA PELOS FECURY

Todo ano, a sociedade já espera um dos momentos mais bonitos para celebrar o folclore maranhense durante os festejos juninos.

É a festa junina da família Fecury, este ano batizada de "Arraial da Lulu e da Beth", em alusão às duas primeiras filhas de Ana Lúcia e Mauro Fecury.

Com uma decoração bonita e colorida, serviço correto do buffet de Márcio Class e apresentação de quadrilhas formadas pelos

netos juntamente com seus amigos de geração, a noite teve como ponto alto a apresentação do Boi Pirilampo, comandado por Renato Dionísio.

O ex-presidente José Sarney e Dona Marly estiveram presentes juntamente com os ex-governadores Roseana Sarney e José Reynaldo Tavares, o ex-deputado Jaime Santana e muitos outros nomes de prestígio da vida social maranhense que todos os anos comparecem ao evento.



Bela índia do Boi Pirilampo, do qual este Repórter PH é padrinho



Ana Lúcia Fecury e Dona Marly Sarney



Deputada Roseana Sarney entre índias do Boi Pirilampo e o amo Renato Dionísio



Dona Marly e o ex-presidente José Sarney com os irmãos Wady Aboud e Sálua Aboud Smith e o Repórter PH



Daniela Fecury e sua cunhada Luciana Tavares



Aparício Bandeira e Goretz



Mirtes Fecury Ferreira, Lidia e Miguel Fecury, João Carlos Bello Ferreira Junior e Juliana Fecury



Mauro Fecury, Fábio Braga, José Sarney, Clóvis Fecury, Aparício Bandeira, Phill Camarão e Luís Henrique Bacelar



Crisálida e o ex-governador José Reynaldo Tavares



Valéria e Nelson Almada Lima



Clóvis Fecury e José Neto Fecury

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves/



Virna Fecury Zenni e Luciana Fecury Tavares



Benedito Buzar, Nelson Almada Lima, Fabiano Vieira da Silva, Evandro Torres Carvalho e Luiz Raimundo Azevedo



Zê Cirilo e Fábio Braga com Dona Marly e ex-presidente José Sarney e o Repórter PH



O ex-presidente José Sarney com Diego Sá e Márcia Itapary



Sayure e Leonardo Fecury Braga com os pais dele, Fábio e Ana Elizabeth



José Vasquez e Márcio Barbosa



Silvia e Roberto Furtado com Rachel e Ricardo Fecury Zenni



Emylia e Francisco (Chicó) Moraes



Victor, Felipe, Sérgio, Cecília, Luciana, Lorena, Luiza e Gabriel Tavares



Jorge Murad e Roseana Sarney com Luciana e Sergio Tavares



Carlos Gaspar com a filha Socorro, Vera Bandeira e Alice Rocha



Wady Aboud e Sálua Aboud Smith com o Delegado Castelo Branco e Karine



Daniela e Marco Antonio Fecury



Mirtes e João Carlos Bello Ferreira



Dirce Fecury Zenni com Márcia e Joaquim Itapary



Gilberto Léda e Claudia Vaz



Saulo Carvalho e Luciana



Beth e Fábio Braga com Luciana e Sérgio Tavares, em torno de Dona Dirce Fecury Zenni



Mirtes Fecury Ferreira, o Repórter PH, Juliana Fecury e João Carlos Ferreira Junior



Luiz Alfredo Bandeira e Vera



Altevir Mendonça e Manu



O Reporter PH e Daniela Fecury



Dona Marly e o ex-presidente José Sarney com o desembargador Tyrone Silva e seu neto Bruno Wernz Jr e sua noiva Giuliana Barbieri

Fotos/Divulgação/ Herbert Alves



Plateia de todas as idades admirando o coro do boi, cujo bordado era dos mais bonitos. Na foto, pontificam na primeira fila, Graça Sabóia e Meire Sabóia com o filho Rodrigo



Bonita vaqueira de um dos bois que se apresentaram



Karla Baldez Saboya, Maristela Sabóia Correa e Priscila Reis

AS FOFINHAS NO SÃO JOÃO

OBASA Clube, no Olho d'Água, foi o cenário perfeito para mais uma concorrida e animada festa das "Fofinhas no São João", evento beneficente, voltado especialmente para as senhoras de melhor idade, com renda para as obras sociais do Educandário Santo

Antonio, entidade presidida com muito zelo e dedicação pela empresária Fátima Saboya. Como sempre acontece, desde os tempos da saudosa Maria Inês Saboya, a festa começou no fim da tarde e varou a noite com muitas comidas típicas deliciosas, bebidas

variadas e as apresentações de vários grupos artísticos. A começar pelo Forró de Pé de Serra de Erick Andrade, seguido do Boizinho Barrica, do Boi de Sonhos e do Boi Brilho da Ilha, que agitaram os convidados com uma festa linda do melhor folclore maranhense.



Fátima Saboya e Clores Holanda vestidas a caráter



Graça, Fátima, Lucilene e Lucimar, todas Sabóia



Des. Luiz Gonzaga Almeida, Maristela e Neide Sabóia Almeida



Lourdinha Almeida e Sílvia Duailibe com duas amigas



Marilena Belo e Fátima Saboya



Fátima Saboya entre Inácio Pinheiro e José Pereira Godão, do Boi Barrica



Marilena Belo e a filha Valéria



Emerson e sua mãe Edite Andrade



Patrícia Santiago, Andréa Permutter, Fátima Saboya, Silvânia Tamer e Lorena Saboya Soares



Gilvan Saboya com as filhas Maria Clara e Maria Luisa, a mãe Fátima, e a esposa Karla Baldez Saboya



Tânia e Pedro Milhomem



Maria de Fátima e Franklin Costa



Dona Maria Sardinha e a filha Lourdinha Almeida



Dona Zazá (Izautildes Gonçalves) com as filhas, Silvana e Tânia



Fátima Saboya entre Carmem Furtado e Maria Sousa e Silva



Luíza Gomes Monteiro, Ana Maria Gomes Serejo Sousa, Fátima Saboya e Jacirema Coelho Ferreira



Gabriel e seus pais Socorro e Raul Vilhena

Fotos/Divulgação/ Herbert Alves



Mesa de honra: Nazaré Lima, o Repórter PH, o homenageado Oton Lima II, vereadora Karla Sarney, desembargador Ricardo Duailibe e historiadora Clores Holanda

OTON LIMA É CIDADÃO DE SÃO LUÍS

O desembargador Ricardo Duailibe acompanhou a solenidade de concessão do Título de Cidadão de São Luís ao seu dedicado chefe de gabinete, jornalista e blogueiro Oton de Melo Lima II.

A sessão solene foi realizada na Câmara Municipal de São Luís, por

iniciativa da vereadora Karla Sarney, que, em seu discurso de saudação ao homenageado, pôs em evidência o talento de Oton Lima como comunicador com atuação marcante na imprensa maranhense.

Nascido na cidade de Presidente Dutra, ele reside em São Luís desde a

adolescência e aqui criou raízes que fazem dele um autêntico e amoroso filho da cidade.

Após a cerimônia que reuniu muitos familiares e amigos do homenageado, a Câmara Municipal ofereceu um coquetel em suas dependências.



O homenageado ao lado do desembargador Ricardo Duailibe



O Repórter PH, Oton Lima e Clores Holanda - os três são, agora, Cidadão de São Luís



Oton Lima II com os pais Nazaré e Francisco Lima



Oton Lima II com os pais Francisco Lima e Nazaré e os irmãos Vinícius e Mirza



Fernanda Vieira, Isabela Murad, Maria Fernanda Sarney Santos, Rafael SaldanhaAlbuquerque e Rafaela Braga



O novo Cidadão de São Luís com os tios João Ferreira Neto, Neire Vanda e Ermery Silva



Augusto Pestana, Mariana Escabin Forti, Oton Lima e Karla Sarney



Maryna e Kezya Saldanha entre Oton Lima e Augusto Pestana



Oton Lima II entre o casal Odali Dias Cardoso (ele, maranhense de Gonçalves Dias e ela, carioca) e os tios Vitória e Francisco Bezerra (ex-prefeito de Dom Pedro-MA)



Vitória, e Conceição Soares



Oton Lima entre Karla Sarney e Maria Fernanda Sarney Santos



Oton Lima entre o pai Francisco Lima e Conceição e Renata Soares



A vereadora Karla Sarney com o desembargador Ricardo Duailibe



Annamelia e Adalva Ribeiro, entre Virna Fecury Zenni e Manu Schiavotelo Silva

PRAIA GRANDE, CRONICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

(A deterioração urbanística e cultural da Praia Grande, tem dono: a falta de sensibilidade pública que a relegou às moscas)

1 Luis Augusto Cassas

Em São Luis desde maio, em peregrinação lírico-espiritual, lançar novos livros de poemas, revisitar origens, família, amigos, lugares, curtir cores, odores, sabores, enfim, deleitar-me com as curvas e reenâncias da ilha.

Dois acontecimentos marcaram minha observação logo à chegada. O amplo trabalho desencadeado pela Prefeitura para melhoria do tráfego com novo visual e remanejamento, ampliação e melhoria de espaços públicos.

E o escândalo que se abateu sobre um dos mais famosos logradouros, a Praia Grande, precisamente sobre o Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, importante equipamento cultural, saqueado por marginais, que surrupiaram-lhes as vísceras, já que todo o corpo, esqueleto e ossos, havia sido roubado, ao longo dos anos de abandono. Fato escancarado pelas mídias sociais há poucos meses e que indignaram o maranhense.

Foi para entender essa tragédia, que percorri a pé, a Praia Grande, conversando com técnicos, urbanistas, artistas, intelectuais, artesões, visando compreender as origens desse funesto desacontecimento, que macula nossas mais ricas tradições. Venha comigo.

2

Cidadãos e usuários da cultura maranhense, ao comentarem a publicidade governamental, convidando turistas para um dos mais representativos São João do mundo, em São Luis - confessam sua perplexidade.

Como acreditar que turistas virão divertir-se nas festanças juninas, tendo como carro-chefe, o boi e seus múltiplos sotaques, sem

estender a visita ao berço cultural (ao menos para uma selfie) que sintetiza a ampla variedade de sons, ritmos, cores, e que encontra refletida no sítio histórico da Praia Grande, a moldura mais fiel?

Ora, era ali, entre brechós, saraus, lojas de artesanatos, galerias, restaurantes, mercado das tulhas, museus, circulação de diversas tribos e o rico aparato de beleza e entretenimento, que a cidade acionava as cores da sinfonia que seduzia a todos.

Hoje, terrivelmente, o quadro, é outro. Até as festas juninas de 2024 não se realizaram na Praia Grande, por insuficiência de estrutura básica para o evento. Embora bandeirinhas coloridas possam sinalizar o contrário.

Viva o Boi! Mas viva mas também a Praia Grande e seu rico patrimônio histórico e cultural!

3

Aos que amam a cidade ou a visitam para conhecer a riqueza arquitetônica da Cidade Patrimônio da Humanidade, reconhecida pela Unesco, desde a gestão Roseana Sarney, em 1977 - encontrarão no prédio do Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, o típico exemplo de tombamento posto em ação, pelo poder público. A destruição das instalações do prédio, por omissão e incúria, proposital, para outros, do qual foi preservada apenas a fachada, além da desvalorização do legado da casa, corpo de funcionários, largados ao esquecimento.

Composto de Teatro, Biblioteca, Sala de Dança, Anfiteatro, Espaços de Exposições, Cinema, Sala para Cerâmica e Azulejaria, Galeria, além de eventos significativos como o Café Literário, dentre outros, o Odylo, tornou-se dos mais importantes endereços culturais da cidade, além de fábrica de difusão das técnicas de fazer artístico. Nada restou que pudesse servir de

memória desse tempo de júbilo multicultural.

4

Gosto da Praia Grande. Tenho um caso amoroso com ela. Em 1999, lancei no Canto do Tônico, confluência da Rua Portugal, com a rua Djalma Dutra, onde está o beco Catarina Mina - meu livro Bhagavad - Brita: A Canção do Beco. Outro dos meus livros, O Vampiro da Praia Grande, foi escrito ouvindo as palpitações do personagem central que se escondia nos mirantes dos velhos sobrados.

Mas sou testemunha presencial do massacre contra o Odylo. Por que? Foi lá, em 2013, que lancei A Poesia Sou Eu, minha Poesia Reunida, 2 volumes encadernados e vinte livros de poemas, em megaevento e multidão de amigos. E o Centro de Criatividade operava integralmente, em todos os seus segmentos. Somente a Biblioteca já contava com 3500 exemplares.

Logo em seguida, o Governo do Estado, a partir do primeiro mandado Flávio Dino,, inexplicavelmente, iniciou o processo de desmantelamento dos órgãos da Secretaria da Cultura e desvalorização das entidades e corpos funcionais. Estranha atitude, que culminou neste ano de 2024, já em outra gestão, com a retirada dos seguranças e vigias que mantinham o resto da incolumidade dos vestígios do Centro de Criatividade Odylo Costa. E que gerou, como frisei acima, um apocalipse, que feriu a todos. Ao que o cartunista e ex-vereador Cordeiro Filho, disparou: - a chave do centro histórico, foi entregue na mão dos bandidos."

Nenhuma academia chiou, nenhum deputado reclamou, nenhum senador engasgou.

Mas após o escândalo ganhar intensa repercussão, o Governo

resolveu amaciar a questão, exibindo placa, que está lá, informando a reforma do prédio, sem todavia, informar o valor da obra e suas especificações técnicas, de acordo com a lei.

5

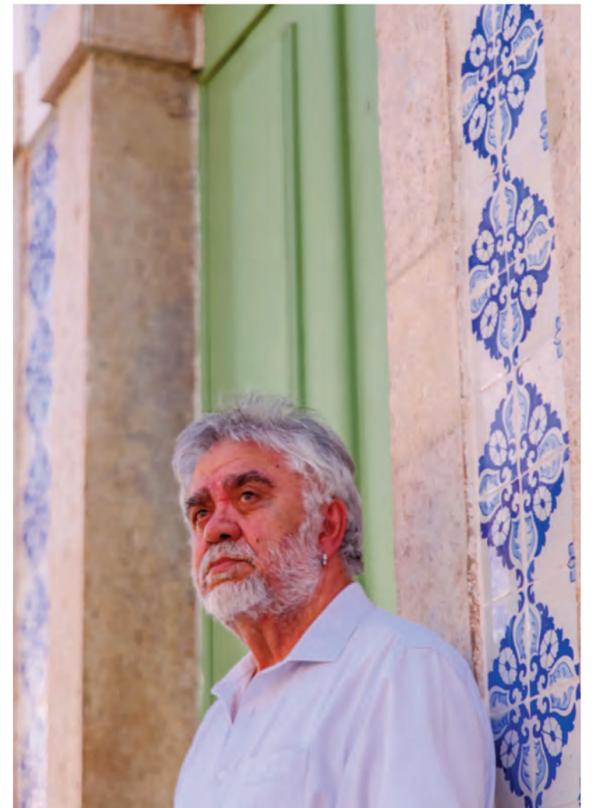
Mas o desmonte que figura o Odylo, como personagem central, não se resume apenas a ele. Foi estendido, pasmem, a todas as casas de cultura e museus nesse período de aproximadamente dez anos.

O Domingos Vieira Filho, de portas fechadas, está com a varanda escorada, com o acervo dentro. O Solar dos Vasconcelos, está em péssimas condições físicas. Os saques atingiram ainda o Museu do Reggae e a Casa de Nhozinho. A própria Secretaria da Cultura foi transferida para prédio próximo a Fribal, enquanto seu belo sobrado, está desde aquela época, com sérios problemas estruturais e de telhados. No começo do atual Governo, foi colocado tapume sinalizando começo de obras, mas em seguida foi retirado.

Há problemas de toda ordem e se estende a outras entidades do setor público. O prédio da Defensoria Pública, abandonado, também foi saqueado. E o prédio do Arquivo Público, sofre o mal da desassistência, vírus dos dias atuais.

O importante setor de patrimônio está completamente esvaziado, sem pessoal. Como poderá exercer seu trabalho de fiscalização de um patrimônio histórico gigantesco de mais de seis mil imóveis, sendo que mais de quatro mil são de responsabilidade do Estado e o restante do Iphan?

Senhoras e senhores, onde está o Ministério Público de nossa terra? "A Praia Grande está muito maltratada," <resume, desolado, o artesão Sotero Vital.



Viva o boi! Mas viva mais também a Praia Grande e seu rico patrimônio histórico e cultural!

MISSA-CONVITE

Luis Augusto Cassas

os sinos de bronze das igrejas sé santo antônio desterro são pantaleão carmo santana remédios são joão

e convidam as tradições culturais os burocratas do patrimônio histórico e o povo em geral

para a missa de sétimo dia a ser realizada nos escombros da freguesia da praia grande

desde já agradecem penhorados a esse ato de fé e piedade cristã

(do livro República dos Becos, 1981)

comunicam o falecimento do patrimônio colonial da cidade de são luís ocorrido hoje vítima de terremoto que destruiu sobrados monumentos artísticos fortes e casarões



O retrato atual do Odylo Costa, filho



Cassas no Café Literário por ocasião do lançamento do seu livro Poesia Reunida

Em República dos Becos, meu livro de estreia, em 1981, publiquei o poema Missa Convite, em que os sinos da cidade comunicam o falecimento do patrimônio histórico-colonial da Praia Grande. Que a profecia não se cumpra.

É hora de nosso jovem Governador, que tem um lastro familiar de respeito à terra, desvencilhar-se das amarras do passado e lançar novo olhar ao futuro.

E dar uma guinada radical, defendendo e protegendo nosso rico patrimônio histórico, ao mesmo tempo, em que cria, estimula e

consolida uma verdadeira política cultural, guiada por homens de mente clara e amor à terra, que atenda necessidades e anseios de nosso povo.

Quem ama, cuida. Vale lembrar que é sempre hora de amarmos a cidade, torná-la espaço de convívio fraterno, múltiplo, ecumênico, cartão postal de beleza e transcendência histórica. E nela, sermos felizes.

A grandeza e respeitabilidade do Maranhão é legitimada essencialmente por nossa cultura. É preciso calçar os sapatos na Praia Grande e fazer-la caminhar conosco, rumo a novo tempo.

Luis Augusto Cassas, 71, poeta, é autor de 30 livros de poemas, dentre os quais O Retorno da Aura e Quatrocentona: Código de Posturas e Imposturas Líricas da Cidade de São Luis do Maranhão.



Cassas conversando com o morador da Praia Grande Sotero Vital: "A Praia Grande está muito maltratada" - resume, desolado, o artesão

Carta para Sarney

Em bela carta que mandou para o "Estimadíssimo Presidente José Sarney", Georgino Melo e Silva começa dizendo que "Nesta quadra da História e de sua luminosa existência, é com felicidade que constato o reconhecimento universal de sua obra de Estadista, Escritor e Poeta".

E continua: disse-me Dr. Salomão Ribas, grande polígrafo catarinense: Sarney é o maior cronista brasileiro da atualidade. As pessoas ficam encantadas quando mergulham no seu universo ficcional e criativo. A sua poesia é uma fantástica transfiguração do real. A realidade do poeta não tem o mesmo paradigma do fotógrafo, é uma realidade de transcendência. A poesia de Sarney está tomada e impregnada pela nostalgia. No fundo, todo maranhense é um nostálgico com desejos de fazer versos. A sua prosa cativante no livro "Norte das Águas", que causou entusiasmo e admiração em Claude Lévi- Strauss, não tem preocupação de ser regionalista, no sentido de expressar o exótico. O exótico emerge como componente para tornar a obra verossímil. É uma estupenda criação literária cuja temática são histórias da Baixada e do Sertão maranhense.

Há uma certa influência da linguagem de Guimarães Rosa, mas o seu vocabulário tem um dicionário próprio. Sarney arranca da terra o que é localizado e confere à obra um destino metafísico. Ele busca o regional e projeta o universal. A prosa de Sarney é uma prosa com a força da poesia. Ao publicar "Marimbondos de Fogo", Sarney paga um alto preço pela dívida de ser maranhense. No poema "Homilia do Juízo Final" o poeta fala da juçara que se prepara amassando. Tira-se da terra para o milagre de transformá-la em sangue. A polpa da juçara é o próprio sangue que alimenta. As estrelas que Deus entregou ao poeta, ele transforma em sangue para alimentar o povo. No romance "O Dono do Mar", o Maranhão é um imenso território que nasce no mar.

Um mar feito de homens que vivem o mágico realismo. É um mundo de segredos dos pescadores e de suas mulheres. Aí, nestas águas com gosto de sal, nascem os mitos do Maranhão, com toda a sua cosmogonia. São tradições, crenças e o fantástico vocabulário do Golfão Maranhense. Cristório é um ser soberano e mitológico. Ele é da terra e do mar. Na obra de Sarney, a mulher é uma vítima sacrificial do erótico. No magnífico romance "Saraminda", ficamos extasiados e se vê que quando o ouro voltava, era imperioso o sacrifício de uma pessoa, pois o ouro sente prazer pelo sangue. Saraminda nos revela um erotismo cruel. Saraminda tem seios com bicos de ouro. É uma verdadeira metáfora da busca e da paixão pelo ouro. Podemos afirmar que Saraminda é um outro mito fundador, mostra o homem que vem pensando que a possui, mas morre valendo nada. É a própria mulher-terra.

Meu Amigo Presidente Sarney, queira receber, uma vez mais, a minha admiração e um abraço afetuoso, maranhense e renovador. Georgino Melo e Silva.

Sou do tempo

Sou do tempo em que os colégios públicos eram modelos de ensino.

Sou do tempo em que brincar era só no recreio e não em sala de aula no tal aprendizado "lúdico". O ensino era sério.

Sou do tempo em que existia avaliação semanal com posição na classe conforme o número de pontos e notas de comportamento e aplicação.

Sou do tempo em que o professor dizia "de pé quem está conversando" e os conversadores ficavam de pé até o professor mandar sentar de novo.

Sou do tempo do exame oral e de provas decisivas em onze matérias. Reprovava em uma, repetia de ano. Com duas reprovações era expulso do colégio.

Sou do tempo em que meu pai colocava a cadeira na calçada, sentava, dormia e as pessoas passavam e o cumprimentavam.

Sou do tempo em que tinha mata mosquito uniformizado e fiscal sanitário com ficha colada na porta da nossa casa onde punha a data da visita.

Sou do tempo em que existia guarda noturno. Eles apitavam.

Tudo isso foi destruído a partir de 1964, um sucateamento consolidado na fase da ditadura.

Sou do tempo da sulfã, do cataplasma e da vacina antiptogênica.

Sou do tempo em que não dávamos um tempo, porque o tempo era todo nosso.

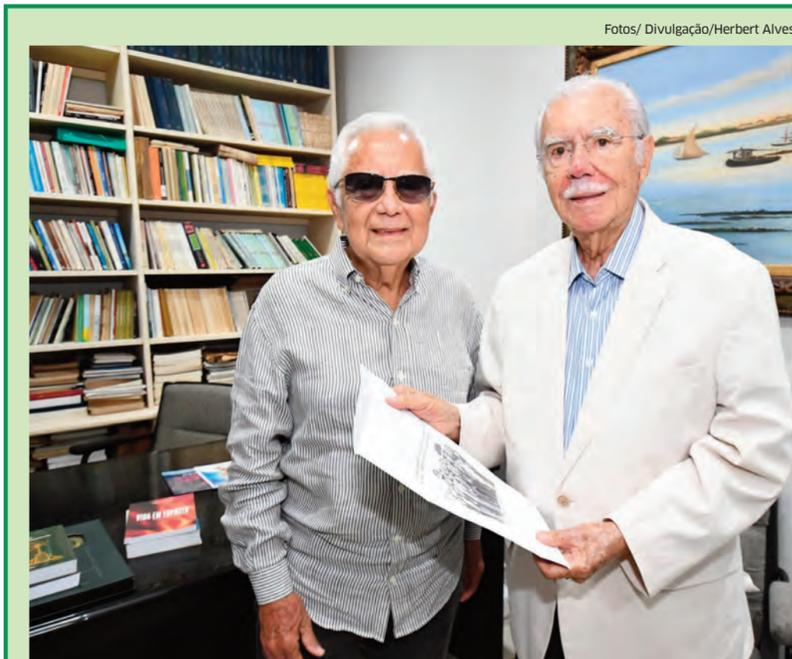
Longo caminho

Há um poema em cada amigo. Custa descobri-lo. Precisa tempo, distância, comunhão, exílio. A magia custa a florir como os versos simples. O inesquecível está na mão, mas o braço é um longo caminho entre a ponta de um dedo e o coração.

Artesão de signos e magia

O poeta tece, cuidadoso, sentimentos, impressões, palavras, em versos, preces silenciosas, confissões do avesso de si mesmo. Um mosaico de cores e sombras ele arma, constrói, como um artefato, um labirinto, fluxo de vida, explosão de sentidos, metáforas!

Nessa busca incessante de novos significados, tece o poeta sua teia de signos e magia: a poeira deixada pelas estrelas e que orvalha o chão de grãos de sonho e de poesia.



Carlos Augusto Dias Vieira e o ex-presidente José Sarney

HOMENAGEM DE GRATIDÃO

Criado em junho de 1967, o primeiro curso de Engenharia Civil do Maranhão, no governo de José Sarney (1966-1970), mais de dois mil engenheiros foram formados nos últimos 50 anos neste Estado.

A Escola de Engenharia deu origem ao que todos conhecem, hoje, como Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Para comemorar os 57 anos do Curso, um grupo de alunos da turma pioneira do

curso de Engenharia Civil fez, esta semana, uma visita ao ex-presidente José Sarney, em sua residência no Calhau, para homenageá-lo por ter sido ele o fundador do curso.



José Carlos Marinho, José Sarney e Jeová Barbosa



O ex-presidente José Sarney entre José Ribamar Matos e Cristina Maria Paixão Mattos



José Carlos Marinho, José Ribamar dos Santos Mattos, Waldimar Azevedo, Presidente José Sarney, Jeová Barbosa, Adalberto Furtado e Carlos Augusto Vieira

Valorização da cidade

Neste momento em que tantos nomes conhecidos se lançam candidatos a administrar esta cidade, seria bom que eles abrissem as cortinas de uma campanha de valorização de São Luís, de sua gente, sua alma, suas belezas.

A cidade ganharia, com a iniciativa, um providencial fórum de debates para lenir suas feridas, enxergar seus espaços, planejar melhor a ocupação de seu solo, providenciar suas próteses urbanas as pontes, tão necessárias, enfim, sintonizar sua legislação com o bem-estar dos ilhéus, ultimamente tão ignorados pelos que têm o ônus de governar.

Aliás, nada foi fácil para a Ilha de São Luís e sua vila-capital, ao longo de uma saga de vitórias e reveses – e de muita gente torcendo "contra". Aqui, os primeiros empresários a fincar os pés inebriaram-se pelos seus ocasos sangrantes, que espalhavam cintilações sobre a baía de São Marcos.

Quatro séculos depois, São Luís se transformou na Terra Prometida que seduz o Brasil central e meridional.

Todo brasileiro de visão quer um dia vir investir e morar em São Luís. Esse afa, que não se pode impedir ou sopitar, requer uma vigília e uma grande determinação dos que aqui moram e aqui almejam encerrar os seus dias.

Sortilégios da cozinha

Revi esses dias, com o mesmo prazer de 25 anos atrás, Como Água para Chocolate, uma reflexão filosófica, digamos assim, sobre a gastronomia. A ideia geral é a exaltação dos sentidos, transformada numa história sedutora: o livro de Laura Esquivel superou a marca dos 2 milhões de exemplares, e o filme, cujo roteiro ela escreveu sem tirar nem o cinema e nem a literatura, teve plateias repletas e emocionadas em mais de 20 países. Tantos anos depois, resistiu ao tempo.

A história resiste e continua cativante porque funciona. Primeiro, funciona como celebração da cozinha, elevada a território mágico. Cozinhar não é um dever aborrecido a ser executado por uma dona de casa exausta e sem esperança, ou por empregadas contrafeitas, ou por alguém com pressa descongelando qualquer coisa num micro-ondas. O bom desempenho na cozinha carrega, para Tita, o impulso de uma vocação e a urgência de um destino. "Amor", segundo ela, era o seu maior segredo culinário.

Quando o mundo parecia desabar, Tita emergia de cada um de seus naufrágios agarrada à solidez do velho fogão a lenha, que governava como se fosse o timão que não pode ser abandonado numa tempestade. E se salvava da desesperança com o alento dos sortilégios que sabia retirar daquelas panelas gastas. Esses sortilégios, na forma de sabores às vezes insuspeitados, não eram resultados matemáticos de receitas bem executadas. As receitas, numa cozinha, são por certo indispensáveis como uma bússola em alto-mar. Mas receitas e bússolas se tomam instrumentos sem serventia se não houver, para decifrá-las, timoneiros como Tita, de rumos inabaláveis.

Sortilégios da cozinha

A história de Laura Esquivel também funciona como uma metáfora às vezes empolgante, às vezes dolorosa, sobre a supremacia dos sentidos. O paladar, o olfato e a atração sensual são amáveis fatalidades à espera.

A diferença de Tita é que ela se rende aos apetites e às fatalidades.

Como Água para Chocolate é um hino a essas saborosas rendições: seja nas cenas quase lúbricas em que os convidados se deliciam voluptuosamente à mesa, ou no esplêndido momento em que Tita, apesar da vida reconstruída por um afetuoso e paciente companheiro de conveniência, surpreende a plateia e "traí" o noivo, vivendo num instante irresistível a paixão da vida inteira.

É desconcertante perceber que os impulsos sensuais reinam esmagadores sobre as certezas organizadas de nossa razão, feitas de acordos, resignações e desistências sem consolo.

A eterna Roma

A cidade mais importante da história da Humanidade não é Nova York, nem qualquer outra das jovens Américas, não é tampouco a mais antiga de todas, Jericó, nem a Londres de dois mil anos, ou a luminosa Paris, ou as orientais Tóquio e Pequim, e nem mesmo a cidade basilar das três grandes religiões monoteístas do mundo, Jerusalém.

Nada disso. A cidade mais importante da história da Humanidade é Roma. Durante 2 mil anos, Roma foi a capital do mundo. Primeiro, comandou o Ocidente graças à força disciplinada de suas legiões. Depois, graças à influência da religião.

Finalmente, no Renascimento, graças à genialidade de seus artistas. O corpo, o espírito e a mente.

Muito do que somos devemos a Roma.

Os italianos da Navona

Você já deve ter ido à Piazza Navona, em Roma. É um dos pontos turísticos mais visitados do mundo, um lugar "manjado", digamos assim, até porque lá está engastado o belíssimo e quase suntuoso palácio da embaixada brasileira. Certo.

Então, não vou falar das belezas e da história da Piazza Navona, que você conhece bem. Vou sugerir que você faça o que fiz na primeira vez em que estive na Itália.

Eu estava sozinho e, num sábado de manhã, sentei-me à mesa de um café na Piazza Navona, pedi um cappuccino cremoso e fiquei fazendo o que a minha avó definiria como "olhar o movimento". Fiquei observando aqueles italianos e italianas circulando por ali. As italianas são lindas, isso todo mundo sabe graças a Sophia Loren, Claudia Cardinale, Monica Bellucci e Ornella Muti.

E os italianos... Bem, os italianos são americanos frustrados. Veja-os se exibindo na Piazza Navona. Vestem jeans, mascam chicle, comportam-se como americanos de filme. Tudo o que queriam era falar inglês em Hollywood.

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr



Alexandre Pires comanda show da turnê 'Último Encontro' neste sábado, no estacionamento do São Luís Shopping

Estrela de Alexandre Pires reluz neste sábado no estacionamento do São Luís Shopping

Alexandre Pires e o Só Pra Contrariar aterrissam em São Luís neste sábado (6) para um show esperado no estacionamento do São Luís Shopping. A turnê 'Último Encontro' marca a despedida oficial do cantor do grupo. A turnê passa por 32 cidades brasileiras.

Sucesso do pagode nos anos 1990 e 2000, o Só Pra Contrariar vendeu mais de 20 milhões de discos ao longo dos 25 anos de existência e acumula hits como "Essa Tal Liberdade", "Depois do Prazer", "Mineirinho" e "Sai da Minha Aba".

Para a turnê de despedida, o grupo tem sua formação clássica: Alexandre Pires, Fernando Pires, Hamilton Faria, Juliano Pires, Luís Fernando, Sérgio Sales e Alexandre Popó.



Nos bastidores do São João de São Luís, um encontro de talentos. Nas extremidades, os irmãos Fernando e Franco, considerada a melhor dupla sertaneja da atualidade nos palcos maranhenses. Ao centro, o empresário Fernando Teixeira, proprietário da Dux Produções, empresa de eventos que tem se destacado e experimenta uma curva ascendente, incrementando a agenda cultural maranhense com excelentes eventos

Livro de Deive Leonardo

Com a missão de conscientizar as crianças sobre a importância de exercer a caridade, compaixão e solidariedade, Deive Leonardo, pastor e um dos evangelistas mais influentes da atualidade, ao lado da Associação Evangélica, lança o livro infantil 'Turminha do Leo'.

Parábola do 'Bom Samaritano'

Ao utilizar de forma lúdica e imaginativa os ensinamentos da parábola do 'Bom Samaritano', o autor exemplifica aos pequenos que é possível aplicar no cotidiano os princípios bíblicos a fim de ajudar o próximo, sejam eles amigos, vizinhos ou a própria família.



Fachada do Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, um dos mais aprazíveis, bem localizados e procurados empreendimentos hoteleiros para eventos na capital maranhense

Rio Poty vai sediar Congresso Nacional de Criminalística

O Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, tem sido um dos empreendimentos hoteleiros mais procurados para eventos na capital maranhense nos últimos meses. Prova disso é que diversos já aconteceram em suas dependências do início do ano até agora, em diferentes áreas.

Recentemente, o hotel sediou o VIII Simpósio Brasileiro de Acarologia, principal evento de discussões e troca de experiências sobre a acarologia nacional e internacional. Já no mês de setembro, também vai abrigar, de 10 a 13 de setembro, o Congresso Nacional de Criminalística (CNC), iniciativa da Associação Brasileira de Criminalística, com organização da Associação da Polícia Científica do Maranhão.

O Congresso, em sua 27ª edição, é o evento mais tradicional da perícia criminal e das ciências forenses da América Latina. Simultaneamente, será realizado o X Congresso Internacional de Perícia Criminal e a XXVII Exposição de Tecnologias Aplicadas à Criminalística. Como nos anos anteriores, deverão ocorrer conferências, palestras, mesas redondas e apresentações de trabalhos na forma de pôsteres.

O evento reunirá diversos profissionais da perícia oficial, como peritos criminais, médicos-legistas, odontologistas, agentes de perícia, além de profissionais da segurança pública, professores universitários, pesquisadores de instituições públicas e privadas, estudantes de pós-graduação e de

graduação do Brasil e também de outros países, principalmente de países da América do Sul.

Inaugurações Tudo indica que antes do mês de agosto o Rio Poty Hotel & Resort fará a inauguração de suas novas áreas, tais sejam, o complexo esportivo e a arena de entretenimento, que incluem beach club, academia de ginástica, SPA, dois restaurantes, bar e playground para a criança, além da área de piscinas com bar molhado já existente, boate, lojas e casa de jogos.

O empreendimento, aliás, teve ótima ocupação no mês de junho, apesar das obras de reforma. Afinal, é um dos hotéis mais buscados da capital devido à sua localização estratégica e dependências agradáveis.



Augusto Neto é um dos principais talentos do beach tnis no Maranhão

Maranhense Augusto Neto se destaca em competições estaduais e nacionais

A semana está sendo de disputas intensas no Amazônia Open de Beach Tennis, maior torneio da modalidade do Norte do Brasil e que integra o calendário oficial da Federação Internacional de Tênis (ITF).

E quem participa da competição é o jovem Augusto Neto, um dos principais talentos do beach tnis no Maranhão. O maranhense chega ao Amazônia Open buscando um título inédito.

Até este sábado (8), a cidade de Tucuruí (PA) sedia o evento e recebe grandes nomes da modalidade. Ao longo da semana, Augusto Neto disputou dois torneios nesta etapa do World Tour: o BT50 e o BT400, esse último considerado um dos mais importantes do circuito.

Vale lembrar que o atleta maranhense chegou ao Amazônia Open em grande fase na temporada. No início do ano, Augusto Neto faturou dois títulos e dois vice-campeonatos em três etapas do Circuito Nacional Infanto-Juvenil de Beach Tennis, realizadas entre os dias 23 e 31 de janeiro: a Copa São Paulo e as etapas de Ribeirão Preto e Casa Branca. Antes, ele já havia sido campeão da categoria Open no torneio promovido pelo Studio Mormaii Península, em São Luís.

Já no mês de maio, Augusto Neto foi bem na etapa do World Tour BT200, realizada no Rio de Janeiro. O maranhense não chegou às finais da chave principal, mas deixou boa impressão após ser eliminado pelo ex-número 1 do mundo, Vini Font, em jogo duríssimo.